

REVISTA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

# SITIENTIBUS

## PLANEJAMENTO E ORDENAMENTO TERRITORIAL EDIÇÃO ESPECIAL FEIRA DO SEMIÁRIDO

ARTIGO

### EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E CIBERATIVISMO: EXPERIÊNCIA DE COLETIVOS DE MULHERES NEGRAS CRESPAS E CACHEADAS NO FACEBOOK E EM SALVADOR/BA

*ANTIRACIST EDUCATION AND CYBERACTIVISM: THE EXPERIENCE OF CRESPAS AND CACHEADAS BLACK WOMEN'S COLLECTIVES ON FACEBOOK AND IN SALVADOR/BA*

DAILZA ARAÚJO LOPES

Pedagoga, Pós-Graduada em Docência no Ensino Superior e Mestra em Estudos Étnicos e Africanos Universidade Federal da Bahia/UFBA/POS-AFRO/CEAO. Integrante do grupo de pesquisa em gênero, raça e subalternidade/Coletivo Angela Davis/UFRB. E-mail: dailzaaraujo@gmail.com

ANGELA FIGUEIREDO

Doutora em Sociologia Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ e Pós-doutora pela Universidade de Berkeley, Califórnia. Professora adjunta no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) e coordenadora do grupo de pesquisa Coletivo Angela Davis/UFRB. E-mail: angelaf39@gmail.com

#### RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever a forma que coletivos de mulheres negras crespas e cacheadas, tem desenvolvido e fortalecido a educação antirracista através do ciberativismo, como uma nova forma de mobilização política e participação social. Para tanto, procede-se a metodologia de Análise de Discurso, nos seguintes grupos do *Facebook*: Coletivo Vício Cacheado, Coletivo de Cacheadas e Crespas de Salvador e Coletivo da Marcha do Empoderamento Crespo – MEC, acrescentando-se a observação participante nos eventos realizados por esses coletivos na cidade de Salvador/BA. Resulta-se a observância de que mulheres negras usam as redes sociais, *Facebook*, como espaço de mobilização e incentivo à aceitação dos cabelos crespos/naturais, em diálogo com o empoderamento feminino, como forma de combate ao racismo, fomentando ações e estratégias para construção de políticas públicas que favoreçam a melhorias das condições objetivas e subjetivas para a população negra.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras; Ciberativismo; Empoderamento.

#### ABSTRACT

The present study aims to describe the way that collectives of black women, *crespas* and *cacheadas*, have developed and strengthened anti-racist education through cyberactivism, as a new way of political mobilization and social participation. Therefore, the Discourse Analysis methodology is carried out in the following Facebook groups: Coletivo Vício Cacheado, Coletivo de Cacheadas e Crespas de Salvador e Coletivo da Marcha do Empoderamento Crespo – MEC, adding participant observation in the events held by these collectives in the city of Salvador/BA. The result is the observation that black women use social networks, Facebook, as a space to mobilize and encourage the acceptance of curly/natural hair, in dialogue with female empowerment, as a way to combat racism, fostering actions and strategies for building public policies that favor the improvement of objective and subjective conditions for the black population.

**Keywords:** Black Women; Cyberactivism; Empowerment.



## Introdução

O presente estudo se configura num desdobramento da dissertação de mestrado, a qual trouxe abordagens sobre o ciberativismo como estratégia política de mulheres negras crespas e cacheadas no espaço do *Facebook* e em Salvador/BA. A partir do método da Análise do Discurso dentro do grupo de três coletivos no *Facebook* e observação participante em eventos realizados por esses coletivos, percebe-se que o ciberativismo protagonizado por mulheres crespas e cacheadas em Salvador/BA, tem se destacado e se fortalecido desde o início do século XXI, através do uso da tecnologia para apontar demandas atuais. Por isso é narrado de uma forma diferenciada na maneira de questionar o discurso hegemônico, não apenas no que diz respeito à questão estética, mas, também, questões que envolvem práticas machistas e sexistas, sob o viés do empoderamento feminino.

De acordo com Lemos (2003, p. 17), o ciberativismo "refere-se a práticas sociais associativas de utilização da internet por movimentos politicamente motivados com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas". Portanto, falar de ciberativismo nos dias atuais é abordar também sobre mulheres negras que estão usando as redes sociais para problematizar o uso cabelo crespo e cacheado, compreendido como o "cabelo natural", para afirmação da identidade étnico-racial e combate a algumas formas de opressão.

Assim, observamos que nos primeiros anos do século XXI, temos presenciado a valorização do cabelo crespo, e este emerge como uma forma política de resistir às narrativas coloniais que ainda perduram no ideário estético social, principalmente quando se pensa a estética feminina negra dentro de contextos específicos, como a mídia televisiva, os jornais, as redes sociais, e as relações cotidianas, e faz com que o cabelo crespo, ou cabelo natural, ganhe um número muito grande de adeptas, a partir do momento em que são criados grupos na rede do *Facebook* com o intuito de combater o racismo em suas variadas formas, através da estética, tendo a participação de mulheres de todo o Brasil e também do exterior.

Nesse sentido, é importante compreendermos sob a perspectiva de Maia (2015) a influência do movimento político *Black Power* nos Estados Unidos nos anos 1960 e seus desdobramentos no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, encabeçado pelo Movimento Negro – MN da época, o qual promoveu um resgate da estética negra através e, principalmente, do cabelo crespo, configurando-se como uma forma de buscar a valorização e afirmação da identidade negra e o combate a hegemonia eurocêntrica.

É importante pontuar que mulheres negras estão se organizando para questionar a não inserção do povo negro na sociedade desde muito cedo na história, porém a predominância da discussão de raça dentro do Movimento Negro fez com que mulheres negras questionassem as relações

de gênero dentro do próprio Movimento. A visão universalista da mulher dentro do feminismo clássico deu origem ao movimento de mulheres negras, que passaram a questionar o gênero, raça e a classe, fazendo surgir a discursão do Feminismo Negro, dentro da perspectiva de Carneiro (2003) quando propõe o enegrecimento do feminismo e feminizar as perspectivas de abordagem em relação ao debate de raça.

Dentro desse contexto, o termo empoderamento aparece de forma significativa nos discursos realizados pelas mulheres que estão à frente dos Coletivos de crespas e cacheadas em Salvador/BA, tanto nos grupos do *Facebook*, como nos encontros realizados, tornando-se assim um conceito chave dentro da temática. É utilizado como uma nova forma de ver, vivenciar e analisar as mais variadas experiências em relação ao cuidado com o cabelo natural, que dentro dessa realidade dos grupos de mulheres negras crespas e cacheadas atua na desconstrução de paradigmas e em denúncias de casos de racismo e incentivo e apoio no período da transição capilar<sup>1</sup>.

Sendo assim, esse artigo está organizado em quatro sessões. A primeira, a parte introdutória, em que, aborda-se sobre um panorama teórico geral sobre a perspectiva apresentada ao longo do trabalho. Na segunda, traz-se uma breve discussão sobre o termo empoderamento e a experiência dos Coletivos estudados, aliados as perspectivas da educação antirracista e participação social. Na terceira, apresenta-se as considerações finais para as reflexões feitas ao longo do texto, seguidas das referências utilizadas na construção deste estudo.

## Educação antirracista e empoderamento: experiências dos coletivos de Crespas e Cacheadas no *Facebook* e em Salvador/BA

Brasil (2005) aponta a educação antirracista como práticas em sala de aula com o objetivo de discutir e tematizar as relações raciais, pontuando a relação do Brasil com o continente africano, enquanto perspectiva apresentada pela lei 10.639/03, mas que na realidade do cotidiano dos movimentos sociais transpassa para outros espaços, dado que o racismo é uma ideologia que estrutura relações. Portanto, através de outras possibilidades de debate trazer novas práticas por meio da educação antirracista.

Pensar educação antirracista está para além das salas de aulas e dos espaços formais de educação, porque chega até as redes sociais, as quais têm sido palco para inúmeros casos de racismo e propagação das mais formas de violência. Assim, em sentido inverso as redes sociais, em tom mais específico, os espaços do *Facebook* têm sido utilizados para fins políticos de combate ao racismo e outras formas de violência.

Quando se utilizam do termo empoderamento em suas falas, mulheres negras pautam o uso do cabelo crespo

<sup>1</sup>De acordo com Guedes e Silva (2014, p. 228) a transição capilar "é quando você está esperando a parte natural do cabelo crescer. Quando vocês estão com duas texturas: Uma alisada e uma natural. Você está transitando da química para o natural".

como mecanismo de luta contra o racismo e o machismo, baseando-se na compreensão desses como formas estruturais de dominação, resultando na resignificação desse termo, uma vez que em sentido original, empoderamento (*Empowment*) está ligado à expressão "dar poder". Para um melhor direcionamento da discussão Bispo (2011) traz a seguinte compreensão do termo:

O empoderamento, na perspectiva ativa do feminismo negro, e não diz respeito apenas às mulheres, mas à comunidade negra como um todo, pois, o racismo, de forma diferenciada, afeta a todas e todos. Dessa forma, não há como lutarmos pela autonomia das mulheres negras, sem que sejam incluídas as variáveis que marginalizam, também, os homens que são vitimados pelo racismo. Nesse contexto, as interações entre estruturas de dominação e seus efeitos na vida cotidiana dos indivíduos são intersecções que precisam estar no panorama das discussões sobre política racial negra e de gênero, de modo que, se possa combatê-las a partir de seus aspectos subalternizadores. (BISPO, 2011, p. 120)

Logo, empoderar-se nesse contexto está relacionado a desprender-se de todo processo de subalternidade, marginalização e dominação. Assim, na perspectiva desse artigo, a discussão sobre o cabelo crespo como fator que desencadeia outras discussões no espaço virtual emerge a partir da percepção de opressão, como aponta Gomes (2008, p. 186) quando diz que a exposição a situações de conflito com essa citada pode "expressar sentimento de rejeição, aceitação, resignificação e até mesmo negação de um pertencimento étnico/racial".

Considerando que os processos de intervenção no cabelo crespo existem antes mesmo do período da escravidão, podemos atestar que a forma pela qual as mulheres negras se relacionam com sua estética, ao longo dos anos, está estritamente ligada aos processos referentes à colonização que deram origem as representações negativas em relação ao corpo negro, mas também suscitaram outras formas de resistência. Nesse sentido, o empoderamento proporciona um rompimento com a estética dominante.

De outro ponto de vista, Horochovski e Meirelles (2007) acrescentam que:

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas - política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aquire poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos. Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 486).

Quando o termo empoderamento ganha o adjetivo crespo, feminino, negro, etc., percebemos que uma nova via se estabelece: na abordagem desse texto, mulheres negras, que antes alisavam seus cabelos a fim de atenderem a uma demanda estética dominante, podem decidir sobre a forma que querem usar seu cabelo, estabelecendo que a sociedade em suas estruturas tem que se adequar a sua nova forma de usar o cabelo e não mais de forma contrária, vivenciando-se o empoderamento.

A seguir, apresentaremos a experiência de cada coletivo bem como as percepções a partir da realização do estudo em questão. Abordaremos a forma como trabalham com a perspectiva da educação antirracista, que por pautarem o uso do cabelo crespo como mecanismo estético e político, já se constitui como uma ação de combate ao racismo. Mulheres negras têm ido além dessa ação e gestado uma nova perspectiva de participação social. Optamos por abordar aspectos que foram encontrados como características nos três coletivos.

### Coletivo Vício Cacheado

O pioneiro dos grupos estudados é o Coletivo Vício cacheado, criado por Ane Dias em 2012, com o objetivo de trazer para a cidade de Salvador a realidade dos encontros de mulheres que fizeram o uso pelo cabelo natural no Sudeste do Brasil. Participamos de dois dos encontros realizados por esse coletivo, o primeiro em 2015 e o segundo em 2016.

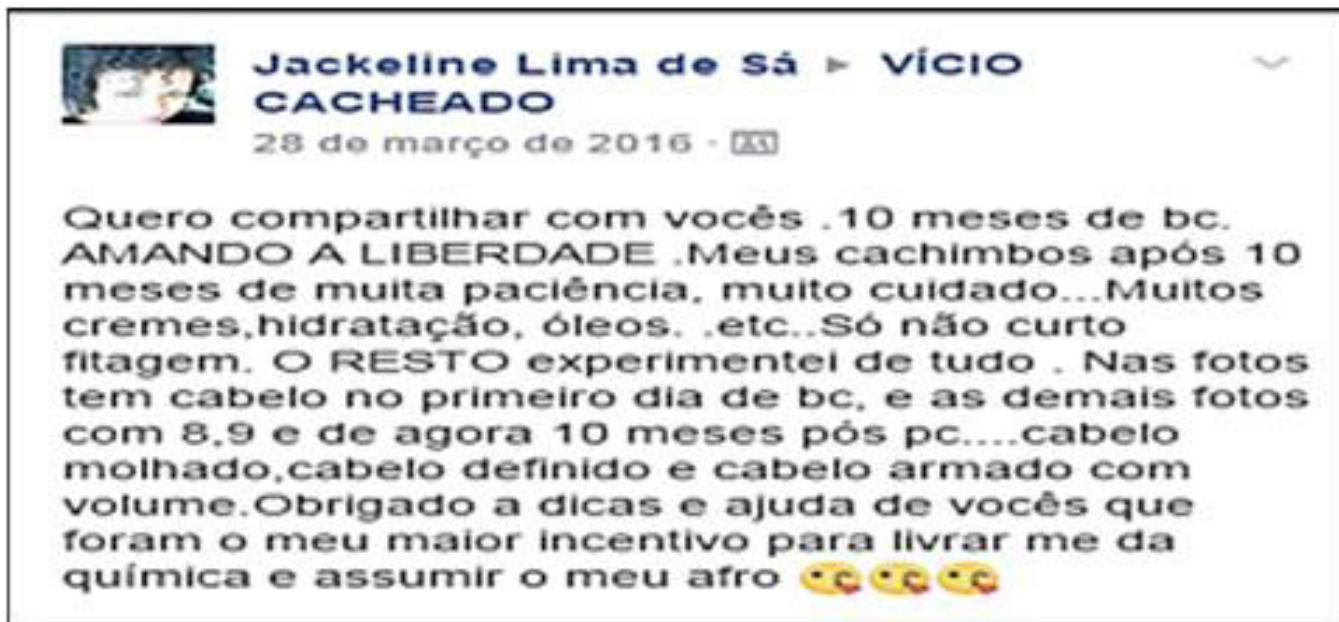
Atualmente, os encontros têm frequência trimestral e são realizados desde dezembro de 2012, sendo esse o grupo mais antigo que se tem conhecimento, a promover a realização de encontros fora do ambiente virtual na cidade de Salvador. As temáticas dos encontros são variadas, vão desde estética, empoderamento, até o tornar-se negro, dentre outros.

O grupo do *Facebook* do Coletivo Vício Cacheado é exclusivamente feminino, não sendo aceita a participação masculina, portanto há regras para participação e para publicação. Existem mulheres que estão à frente como moderadoras, controlando o teor das publicações, visando que o respeito e as regras sejam obedecidas.

A organização e mobilização para a realização do encontro presencial acontecem no espaço virtual, que são criadas através da utilização da ferramenta de criação de "eventos", oferecida pelo *Facebook*, com informações sobre local e data do encontro com postagens diárias sobre a programação, como forma de incentivar a participação.

As publicações que mais têm predominância são aquelas que apresentam cuidados e experiências com o cabelo crespo ou cabelos em transição capilar, bem como relatos referentes que retorno ao cabelo dito natural, conforme podemos acompanhar na figura 1, que se refere a uma publicação feita por uma das participantes do grupo:

Na figura 1 podemos perceber a importância do grupo e das postagens sobre cuidados com os cabelos, tanto na transição capilar quando após o corte, pois os cuidados



**Figura 1:** print de depoimento de participante do Coletivo do Vício Cacheado

Fonte: Facebook do grupo do Coeltivo Vício Cacheado

aparecem como uma forma de fortalecer a determinação em deixar o cabelo em raiz natural, uma vez que sabemos que mães e muitas mulheres negras alisam seus cabelos e de suas filhas, pelo fato de desconhecerem as melhores formas de tratamento e cuidado para os cabelos crespos e cacheados.

Isto posto, compreendemos que os modos de relação da população negra com o cabelo crespo requerem uma reflexão muito mais que estética. É preciso adentrar em uma seara política a qual permita questionar o que está posto e o jeito com que se constituiu essa relação. Dessa forma, nessas linhas que seguem, discutem como o cabelo foi sendo representado, até os dias atuais, na pauta dos movimentos direcionados para numa perspectiva de reconstruir outras narrativas repletas de outras histórias sobre nós, mulheres negras.

Nessa linha de abordagem, o avanço das discussões e ações de combate ao racismo, as quais têm se intensificado no início deste século a partir de inúmeros meios, fez com que aumentasse o número de pessoas que se autoidentificam dentro da identidade étnico-racial, enquanto população negra. Sobre essa reflexão, Souza (1983) traz as seguintes análises acerca das possibilidades de percepção identitária:

A descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio (...) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas a exigências, compelida a expectativas alienadas. "Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades" (SOUZA, 1983, p. 17).

Assim, percebe-se que o racismo, em sua estrutura de exclusão, sempre deixou por fora pessoas

negras, bem como nos inferiorizou a ponto de deixar nossa identidade fragilizada, em que questionamos sobre nosso pertencimento. Os Coletivos a que este trabalho refere-se tem buscado focar no resgate da história da população negra, tanto nos grupos do *Facebook* como nos encontros, reconstruindo a identidade negra de forma positiva, a partir do debate do cabelo crespo como mecanismo de combate ao racismo, tendo como referência da ancestralidade.

Por conseguinte, concordamos com Santos (2015, p. 38) quando aponta que "a descoberta e o fortalecimento da autoestima dessas mulheres, que descobrem nos seus cabelos crespos um corpo historicamente excluído de suas raízes são só dois dos fenômenos que podem ser observados nessa rede de mulheres". A palavra rede aparece num sentido figurado, para representar a importância de um movimento de reconstrução identitária: é individual, mas que ao mesmo tempo é também coletivo.

### Coletivo de Cacheadas e Crespas de Salvador

O Coletivo de Cacheadas e Crespas de Salvador, aqui neste trabalho, é o segundo mais antigo, foi criado por Sâmara Azevedo em 2014. Estivemos presenteem dois encontros deste Coletivo em 2016: o primeiro de comemoração por dois anos de criação e o segundo um evento voltado para crianças. Toda via, também participamos de eventos onde esse Coletivo foi convidado para fazer falas.

O perfil de integrantes do Coletivo de Cacheadas e Crespas de Salvador no *Facebook* é bastante diverso, não há regras para inserção no grupo, apenas para publicação, onde as postagens são mediadas pelas moderadoras. É o Coletivo com mais número de participantes do Estado da Bahia, chegando a cem mil. De acordo com a pesquisa realizada, semelhante ao

Coletivo anteriormente citado, a predominância de postagens é sobre cuidados e relatos de experiências com os cabelos crespos e/ou naturais.

A mobilização para realização do encontro tem início na internet e termina na realização do evento promovido pela coordenação de cada grupo. Esta é uma característica de todos os Coletivos estudados, através do uso da ferramenta de criação de eventos, disponível na própria plataforma do *Facebook*. A mobilização é feita com publicações diárias informando a programação, os nomes que vão compor a lista de convidados (as) e os sorteios que serão feitos durante ao longo do dia, esta é uma ação que onde acontece a maior parte da interação entre os (as) participantes do grupo.

Considerando a forma que o racismo e o machismo têm silenciado mulheres negras dentro dos espaços acadêmicos e de escrita, os grupos no espaço do *Facebook* têm sido fundamentais para facilitar o acesso a trabalhos de mulheres negras acadêmicas e ativistas.

A perspectiva da educação antirracista mediada pelo ciberativismo tem tido papel essencial no combate ao racismo, devido à amplitude que as discussões são dimensionadas através do uso da internet, bem como da diversidade de pessoas que têm acesso a essa temática. É importante salientar que além do alcance, há também a oportunidade de escrita, que vai além da academia e adentra os movimentos sociais, fortalecendo a compreensão de que o conhecimento pode e, é produzido em diversos espaços.

A figura 2 que segue, faz parte do trabalho realizado e apresenta informações a respeito do Coletivo de Cacheadas e Crespas de Salvador que são responsáveis

por uma das colunas de escrita do portal Soteropreta, intitulada "Ouriçadas", que aborda e propõe debates sobre sexualidade, feminismo, gênero, raça, representatividade, beleza e estética negra:

Os textos escritos que são postados dentro de cada grupo, têm função dupla: a primeira de divulgar os trabalhos e a segunda de trazer reflexões sobre condições e situações em que, o racismo e o machismo se manifestam, como forma de facilitar a identificação dessas formas de poder para que se possa pensar estratégias de combatê-los. Assim, segundo Rigitano (2003):

É possível ser dito que a Internet se constitui uma ferramenta imprescindível para as lutas sociais contemporâneas, já que facilita as atividades (em termos de tempo e custo), pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transnacional, bem como quebrar o monopólio da emissão e divulgar informações "alternativas" sobre qualquer assunto. (RIGITANO, 2003, p. 02).

Diante disso, foi constatado o aumento significativo no número de mulheres negras contrárias à cultura hegemônica, esteticamente falando. A forma desse embate tem alcançado as mais variadas categorias, por meio de poesias, blogs, mídia, afroempreendedorismo.

Assim, cada categoria poderá se desmembrar em novos estudos semelhantes a este. Por esse motivo que adotamos a expressão feminismo, no plural no sentido de desconstruir a percepção de homogeneidade dentro dos movimentos.



portalsoteropreta.com.br/colaboradorxs/

O Coletivo Cacheadas e Crespas de Salvador, com a coluna "Ouriçadas!", reúne as soteropretas, **Sâmara Azevedo**, 35 anos, professora de Língua Portuguesa da Rede pública estadual, Fundadora do Coletivo; **Fernanda Borges**, 38 anos produtora cultural e coordenadora do Armazém Cenográfico do TCA, é Adm do Coletivo; **Ana Paula Couto**, 34, administradora, moderadora do Coletivo.

[Confira aqui suas contribuições.](#)

**Figura 2:** Print do Portal Soteropreta.

Fonte: Portal Soteropreta

## Coletivo da Marcha do Empoderamento Crespo – MEC

O terceiro que trazemos para abordar é o Coletivo da Marcha do Empoderamento Crespo - MEC, criado por um grupo de mulheres negras em 2015, inspirado na Marcha do Orgulho Crespo de São Paulo, sendo assim o mais recente. Participamos de uma das pré-marchas e da marcha realizada por esse Coletivo em 2016, bem como outros eventos realizados, no qual este Coletivo participou enquanto parte da programação.

As pré-marchas são o diferencial deste Coletivo em relação aos outros estudados anteriormente. Essas são realizadas em bairros estratégicos da cidade de Salvador, abordando algumas temáticas relacionadas ao uso do cabelo crespo como ferramenta política de combate ao racismo, questões referentes a estética feminina negra, o combate ao machismo e outras formas de violência.

Considerando a Análise do Discurso realizada dentro do grupo da MEC no *Facebook* e nas marchas realizadas, é possível apontar que esse é um Coletivo eminentemente político. A composição do grupo virtual, em relação aos (as) participantes, é bem diversa no que diz respeito as categorias de classe, gênero e raça. Nas marchas isso é muito mais evidente, a diversidade de estéticas corporais presentes implodem a perspectiva colonial de beleza. Mattos (2015) tem a seguinte definição sobre o Coletivo da Marcha do empoderamento Crespo:

A Marcha do Empoderamento Crespo de Salvador hoje, se reconhece como um coletivo de mulheres negras auto organizadas, conscientes do papel e da missão a que estão se propondo, dentre elas o enfrentamento a luta contra o genocídio da juventude negra; igualdade de oportunidade para mulheres negras; atendimento humanizado nos sistemas de saúde; fortalecimento da rede de apoio ao portadores da anemia falciforme; pelo fim da violência e pelo reconhecimento do cabelo crespo como signo de identidade. (MATTOS, 2015, p. 51).

A pauta de atuação da MEC está bem definida e condiz com os eventos que realizam, bem como as atividades que desenvolvem no grupo do *Facebook*. Dentre as ações de combate ao racismo, destacamos uma das que mais teve destaque no cenário de participação social na Figura 3:

Noticia-se, a partir das informações contidas na figura 3, que o cantor Bell Marques compareceu ao Ministério Público e optou pela mudança da música "cabelo de chapinha" para "minha deusa", o que mostra a força desse movimento de mulheres negras politicamente motivadas e que quando apontam que estão em marcha, significa que racistas não passarão.

A reflexão a seguir, feita por Cardoso (2013), aponta que:

O movimento de mulheres negras na contemporaneidade surgiu como resposta ao avanço



Figura 3: print de publicação sobre a indicação do cantor Bell Marques pelo Ministério Público do Estado da Bahia  
Fonte: Facebook da Marcha do Empoderamento Crespo - MEC

histórico do racismo, do sexismo, das desigualdades de classe e da heteronormatividade e representa o lugar político construído pelas mulheres negras na sociedade para lutar pela implantação do seu projeto de justiça social. É um movimento plural e heterogêneo, formado por mulheres abrigadas em diferentes frentes de luta para promover o empoderamento das mulheres negras na sociedade brasileira. A categoria "movimento de mulheres negras" abriga uma identidade política fortemente construída pelas ativistas negras a partir da reivindicação de um passado histórico de luta em comum e da compreensão. (CARDOSO, 2013, p. 01).

Na compreensão de que o racismo é uma prática que aparece de várias formas e se legitima nas situações mais implícitas, como a música citada, por exemplo, ajudando a propagar padrões estéticos que segregam e definem o lugar do corpo negro dentro das relações, que trazemos a importância da Marcha do Empoderamento Crespo como uma forma de apontar outras narrativas no campo estético. Cassiano (2011) segue dentro dessa perspectiva de análise e compreende que:

O ativista precisa apontar um tema socialmente relevante, expressar os próprios pensamentos, reforçar na articulação, ser criativo, manter laços de inter-relação. Ele precisa também ser informado, ter conhecimento do que defende e, ainda, ter atitude em propor alguma ação de ativismo, persuasão para fazer que os internautas se tornem seus aliados e para motivá-los a participar da mobilização. (CASSIANO, 2011, p. 17).

O movimento de Coletivos de mulheres negras crespas e cacheadas em Salvador permite refletir sobre processos de organização feminina, que é histórico, e segue pautando agendas específicas dentro de contextos específicos, conforme aponta Carneiro (2003):

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negro e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (CARNEIRO, 2003, p. 50).

Essa é uma das características desse movimento de luta por direitos e combate as várias formas de violência. Além de ser gestado no espaço virtual do *Facebook*, chega

a outros espaços de poder e se fortalece com os encontros presenciais. É importante pontuar que apesar das conquistas já efetivadas os problemas decorrentes do racismo estrutural ainda fazem com que a população negra seja maioria no grupo de vulnerabilidade social e econômica.

### Considerações Finais

Protagonizado anteriormente pelo Movimento Negro, o uso do cabelo crespo *Black Power*, como ferramenta política permitiu que reivindicações sobre o acesso da população negra a direitos negados pudessem ganhar visibilidade, além da questão estética que entra na discussão como uma contra hegemonia estética. Logo, a contextualização das experiências de ativismo das décadas de 1970 e 1980, foi de fundamental para chegarmos às dinâmicas atuais de ativismo. Hoje, é protagonizado por mulheres negras através do uso do espaço virtual como espaço político e tendo o cabelo natural como uma ferramenta mediadora para pautar demandas coletivas através do ciberativismo.

Os três coletivos analisados trabalham no combate ao racismo, por vias da proposta de uma educação antirracista, que vai de encontro às estruturas que legitimam as práticas racistas nos vários espaços da sociedade. Dois símbolos mais vistos pelo racismo são o cabelo crespo e a cor da pele.

Por isso, pensando na importância da estética negra como fator de combate às práticas racistas, mulheres negras autoorganizadas em coletivos de Cacheadas e Crespas no *Facebook* e em Salvador, através do compartilhamento de experiências dentro dos grupos no *Facebook*, como forma de contribuir para desenvolver a autonomia de outras mulheres que fazem parte dos grupos, vêm desenvolvendo ações de combate ao racismo, através do incentivo ao uso do cabelo natural/crespo, a partir da perspectiva do empoderamento feminino.

Através do uso da internet, que tem possibilitado ir além das organizações mais tradicionais de mobilização política, mulheres negras crespas e cacheadas têm pensado estratégias de políticas públicas que favoreçam a melhorias das condições objetivas e subjetivas para a população negra e outras categorias.

### Referências

BISPO, S. S. 2011. **Feminismos em debate**: reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978 – 1997). 2011, 138f. Dissertação (mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Multidisciplinar Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2011.

BRASIL. **Educação Antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>

index.php?option=com\_docman&view=download&alias=658-vol2antirac-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 de abr. de 2018.

CARNEIRO, Sueli. 2003. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMIENTOS SOCIAIS; TAKANO cidadania (orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

CARDOSO, Cláudia Pons. 2013. A construção da identidade feminista negra: experiências de mulheres negras brasileiras. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10. **Anais...** Florianópolis, UFSC: 2013. p. 1-12. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1373240696\\_ARQUIVO\\_textoClaudiaPonsCardosoST092.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1373240696_ARQUIVO_textoClaudiaPonsCardosoST092.pdf)>. Acesso em: 18 de set. de 2016.

CASSIANO, Adrielle Machado. **Ativismo a partir das redes sociais**. 2011, 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, 2011. 27 p.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOROCHOVSKI, Robson Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. **Anais... II SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA**. Florianópolis, UFSC: 2007.

Disponível em: <[http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo\\_horochovskimeirelles.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovskimeirelles.pdf)>. Acesso em 08 de jun. de 2016.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MAIA, Luciana. **Força Negra: a luta pela auto-estima de um povo**. Rio de Janeiro: Ed. Autografia. 2015.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. **Pontos de Interrogação**. V. 5. n. 2. jul./dez. 2015. p. 37-53. Disponível em: <[www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/download/2164/1497](http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/download/2164/1497)>. Acesso em 31 de mai. de 2016

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 24 de ago. de 2016.

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do blackpower ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo**. 2015, 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura), Escola de Comunicações e Artes, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.